

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

LUCAS DE AROUCA BERTI

REPORTAGEM EM ÁUDIO: A ECONOMIA ARGENTINA NA ERA MACRI

SÃO PAULO
2019/1

LUCAS DE AROUCA BERTI

REPORTAGEM EM ÁUDIO: A ECONOMIA ARGENTINA NA ERA MACRI

Relatório Final de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie para avaliação do Curso de Jornalismo, sob a orientação da Professora Dra. Marcia Detoni.

SÃO PAULO

2019/1

Ressalva: Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

Link da peça: https://youtu.be/Qhf7NG_PAyI. Upload em: 19 de maio de 2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, em especial minha mãe, Mônica, pelo caminho até aqui, à minha namorada Julia pelo apoio emocional, ao editor audiovisual Ricardo Albuquerque pela finalização estética deste trabalho, à minha orientadora professora Dra. Marcia Detoni pelos ensinamentos valiosos, e aos jornalistas Ariel Palácios e Sylvia Colombo, ao professor Tanguy Baghdadi e aos economistas Juan Jensen, Marcello Junqueira e Raúl Ochoa, pelas explicações que compuseram a reportagem. Ainda, a todos os professores do curso, imprescindíveis à minha formação.

RESUMO

Este trabalho consiste em uma reportagem em áudio para ser disponibilizado na internet sobre as características da economia da Argentina sob as políticas neoliberais do presidente Mauricio Macri. A peça reúne dados oficiais, sons de arquivo e entrevistas com economistas, jornalistas, e especialistas em relações internacionais. O assunto se mostra pertinente pela importante relação comercial entre Argentina e Brasil, pelas dificuldades de entendimento da crise argentina e suas origens e pelo impacto do tema na América Latina. A peça foi produzida a partir de uma reflexão teórica sobre o uso do áudio no jornalismo.

Palavras-chave: Argentina; Economia; Mauricio Macri; Neoliberalismo;

ABSTRACT

This work consists of an audio report to be available on the Internet about the characteristics of the Argentine economy under the neoliberal policies of President Mauricio Macri. The piece gathers official data, archive sounds and interviews with economists, journalists, and international relations experts. The subject is relevant because of the important commercial relationship between Argentina and Brazil, the difficulties of understanding the Argentine crisis and its origins, and the impact of the issue in Latin America. The piece emerged from a theoretical reflection on the use of audio in journalism.

Keywords: Argentina; Economy; Mauricio Macri; Neoliberalism;

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 9 |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO | 11 |
| 2.1. A REPORTAGEM RADIOFÔNICA..... | 11 |
| 2.2. O JORNALISMO EM ÁUDIO NA INTERNET..... | 12 |
| 2.3. A CRISE ECONÔMICA ARGENTINA | 14 |
| 3. APRESENTAÇÃO DA PEÇA | 16 |
| 3.1. CONCEPÇÃO..... | 16 |
| 3.2. EXECUÇÃO | 18 |
| 3.3. FINALIZAÇÃO | 21 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 22 |
| 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 23 |

1. INTRODUÇÃO

Terceiro maior parceiro comercial do Brasil, segundo dados do Banco Mundial, a Argentina enfrenta uma forte crise econômica que se acelerou após o empresário Mauricio Macri assumir a presidência, em 2015. Apesar da expectativa positiva dos eleitores, refletida na eleição do primeiro político sem o sobrenome Kirchner em 12 anos, os indicadores da economia após as eleições contrariaram a promessa neoliberal de crescimento e seguiram caindo. Em 2016, logo no primeiro ano do novo governo, a pobreza cresceu, acompanhada de uma taxa de inflação efusiva de 41% ao ano e de queda de 2,3% do Produto Interno Bruto (PIB), retrações que acompanharam o governo neoliberal durante seus três primeiros anos no poder.

Nos primeiros meses de 2018, com uma paridade cambial para o dólar acima de 40 pesos e os juros elevados à casa dos 60%, Macri recorreu a um empréstimo de US\$ 50 bilhões feito pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), o que afetou ainda mais a popularidade do governo. No final daquele ano, o país entrou tecnicamente em recessão, com dois trimestres seguidos de queda no PIB, fechando o terceiro ano da gestão macrista com a pior inflação desde 1991, estimada em 47,6%.

Paralelamente, o Brasil elegia Jair Bolsonaro como presidente. Bolsonaro, desde sua campanha, já havia indicado o economista Paulo Guedes como seu ministro da Economia, e prometia, assim como Macri, uma guinada liberal após mais de uma década de governança de esquerda. Ainda que as políticas econômicas do Partido dos Trabalhadores (PT), durante seus 14 anos de governo, não apresentassem o mesmo nível de protecionismo e estatização, ou crises econômicas recorrentes e graves, a eleição de Macri, em termos políticos, assemelhou-se à de Bolsonaro.

Os dois políticos quebraram uma sequência duradoura de partidos populares tradicionais, colocando suas candidaturas como suposta alternativa à falta de transparência pela qual os partidos de esquerda ficaram marcados, sobretudo por acusações de corrupção que cercavam seus principais nomes. As datas que marcam o início dessas gestões à esquerda, inclusive, são muito próximas; os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Néstor Kirchner iniciaram seus mandatos nos anos de 2002 e 2003, respectivamente. Desses anos em diante, a era dos Kirchner, que durou até 2015, seguiu muito próxima do governo petista, cuja hegemonia se encerrou após o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016.

Ainda no período de transição, Bolsonaro já estabeleceu contato com Macri, elogiando seu homólogo principalmente pelo modelo econômico seguido pela Argentina.

Ademais, o argentino foi o primeiro chefe de Estado a visitar o Brasil sob o novo governo, apenas quinze dias a posse em janeiro.

Além das semelhanças no campo político, o cenário econômico instável na Argentina afetou o Brasil, já que o país austral está atrás apenas de China e EUA como maior parceiro comercial brasileiro. Dessa forma, o aumento dos preços dos principais produtos argentinos impactou o Brasil, uma vez que somos o principal destino de exportação da nação vizinha. Para entender melhor as dificuldades enfrentadas por nossos vizinhos e parceiros, este Trabalho de Conclusão de Curso se propôs a investigar as causas da crise argentina, buscando lições que possam ser aprendidas a partir da experiência neoliberal. A investigação jornalística deu origem a uma reportagem em áudio disponibilizada ao público pela internet.

A produção teve por base uma pesquisa teórica sobre o áudio no jornalismo que buscou responder às seguintes indagações: Quais as características de uma radioreportagem? Qual a função dos sons em uma reportagem de rádio? Como traduzir a linguagem econômica e seus jargões para o ouvinte de rádio? As perguntas foram respondidas por meio de um levantamento bibliográfico que contemplou a obra dos autores Dr. Alvaro Bufarah, Dra. Márcia Detoni, Robert McLeish, Iderley Colombini Neto e Amanda Tenório Pontes da Silva.

A pesquisa revelou que a combinação de elementos como narração, entrevistas, sons de arquivo, sons ambientais e trilhas, é uma forma envolvente de construir um retrato da realidade econômica na Argentina, sem as restrições de espaço e narrativa impostas pelas grandes emissoras.

A reportagem “A economia argentina na Era Macri”, com 20 minutos de duração, contempla o período econômico neoliberal até o primeiro trimestre de 2019, destrinchando as características de cada ano. Por fim, contempla previsões para os meses finais de Macri à frente do poder, já que, em outubro deste ano, o país realiza novas eleições e o liberal concorrerá ao pleito, desafiando justamente a chapa peronista. Até a finalização da reportagem, Cristina Kirchner era candidata à Presidência, mas voltou atrás de forma surpreendente e anunciou que concorrerá como vice de seu ex-Chefe de Gabinete, Alberto Fernández.

Ainda que a grande mídia cubra o tema, percebeu-se uma lacuna para analisar as políticas neoliberais sob a gestão do presidente Mauricio Macri, com seus desdobramentos, explicações e percepções, sobretudo de forma mais extensa e com elementos sonoros.

Este trabalho busca explicar a política econômica no país vizinho, aproveitando a oportunidade que se abre na internet para formatos alternativos aos oferecidos pela mídia tradicional.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A REPORTAGEM RADIOFÔNICA

A reportagem radiofônica, como formato jornalístico, une a qualidade aprofundada da reportagem propriamente dita – com elementos, variedade de fontes e um relato mais frio da notícia – à capacidade do rádio de transmitir o fato construído por meio do som. Ao conectar a informação ao som, com a narração do repórter, depoimentos de fontes e registros sonoros, o jornalista consegue criar não só um produto informativo, como também uma reportagem de imersão, transportando o ouvinte para os ambientes nos quais os fatos ocorrem.

Sendo a reportagem uma peça que foge do formato “ao vivo”, quando a informação ainda está em ebulição e em constante mudança, a produção editada revela uma maior possibilidade para a manipulação dos sons captados na cena, tornando possível aproximar o ouvinte do fato. Como único recurso do rádio, o som pode ser visto como elemento limitador se malconduzido.

Por outro lado, a linguagem sonora oferece a possibilidade de transmitir sensações e transportar o imaginário do ouvinte para o local dos acontecimentos narrados. O som, especificamente como objeto de ambientação, também serve, de acordo com McLeish (2001), como elemento de credibilidade, se usado na medida certa.

A precisão também é necessária nos sons que acompanham uma reportagem. O repórter que trabalha em rádio sabe como o clima é transmitido pela “realidade dos fatos” – o barulho de um canteiro de obras, os gritos de uma manifestação. É importante, para causar credibilidade, utilizar esses sons, mas sem fazer com que se tornem “maiores” do que realmente são (MCLEISH, 2001, p.77).

Dentro da reportagem radiofônica, outro elemento essencial é a inteligibilidade e o uso de uma linguagem clara, principalmente quando o tema é técnico, como os relacionados à economia. Além disso, na execução da reportagem, é necessário que o jornalista entenda o contexto histórico e os aspectos técnicos do recorte que analisa.

“Um repórter disposto a mostrar que está familiarizado com esses termos técnicos e que constantemente faz uso deles tem pouca utilidade como comunicador. Ele tem de traduzir o jargão e não disseminá-lo”, segundo analisa McLeish (2001, p. 79).

A partir do momento em que o repórter toma esse cuidado, a palavra entra como elemento de construção, com a finalidade de informar, aliada a um conteúdo sonoro pluralizado. O bom manuseio e escolha das palavras no material podem eliminar ruídos de entendimento e é, também por meio da palavra, que o repórter cria sentido e a tem a seu favor.

É importante observar que o elemento-chave em uma reportagem ou documentário é a palavra. O som ambiente ou o efeito sonoro entram na narrativa para passar informação. São literais e inequívocos. A música e os efeitos especiais, com caráter ilustrativo, são usados com moderação para não distrair o ouvinte ou estimular associações diversas ao sentido central da história. Já a força do feature reside no potencial imagético e metafórico dos sons (voz, música, ruídos) (DETONI, 2018, p.15).

Outro estágio importante da produção da reportagem radiofônica é a escolha dos entrevistados. Nessa etapa, faz-se a distinção entre fontes e personagens que, quando têm seus relatos reunidos, são igualmente essenciais para dar, ao mesmo tempo, uma visão analítica, técnica e humanizada de determinada situação.

O sujeito, inserido no tema, é imprescindível, compondo um elemento essencial da reportagem, sendo essa construção, a partir de relatos de pessoas do dia a dia, importante para retratar um momento.

A contemporaneidade tem no sujeito o seu fio condutor; o jornalismo tem no personagem o centro do perfil. Através deste formato, sem dúvida, podem ser construídos verdadeiros retratos jornalísticos baseados na vida cotidiana, configurando-se num bom revelador do estilo da época e dos atores que elaboram o conhecimento coletivo (SILVA, 2010, p.4).

As entrevistas são determinadas para que o ouvinte possa tanto entender o fato pela fala de autoridade de especialistas quanto se aproximar da situação cotidiana por meio do depoimento de cidadãos comuns. Juntas, essas sonoras fazem uma representação do fato observado.

2.2. O JORNALISMO EM ÁUDIO NA INTERNET

O surgimento do *Podcast* no Brasil como formato de distribuição de áudio pela internet permitiu ao radiojornalismo romper as limitações de falta de espaço na programação para reportagens mais aprofundadas.

Por sua vez, o *Podcast* é um arquivo de áudio em formato digital que deve ser disponibilizado na internet e, por essa razão, pode ser compartilhado. Apresenta, porém, uma particularidade: utiliza o *Feed RSS* para chegar ao ouvinte, que pode assinar o produto e receber suas atualizações.

Além de ser utilizado no universo musical – como também *pop*, político, acadêmico, esportivo, artístico, entre outros –, o *Podcast* está cada vez mais presente no mundo da notícia e da informação jornalística.

(...) O usuário não precisa fazer uma busca, pois há um sistema que utiliza tecnologia RSS (Really Simple Syndication) que utiliza feeds (etiquetas) contendo informações sobre título, endereço, descrição de alterações, autor, entre outras. Este sistema permite que o usuário receba seus arquivos preferidos assim que forem atualizados. Além disso, o arquivo de áudio é baixado para a máquina do assinante possibilitando a audição, transporte a qualquer momento e até a manipulação dos conteúdos (BUFARAH, 2017, p.6).

A grande vantagem do *Podcast* sobre o rádio tradicional é o acesso *on demand*. Ademais, o crescimento do *Podcast* se deu em um momento em que ouvintes começaram a criar seus próprios conteúdos de forma independente, saindo dos padrões tradicionais vistos na grande mídia. Por recursos disponibilizados pelas próprias empresas de tecnologia, o público se lançou a comentar temas variados, despreendido do rigor técnico e narrativo que ouvia e o levando a se aventurar como produtor de mídia.

Soma-se a esse diferencial, em termos de acesso, a liberdade de criação no que diz respeito a conteúdo e estética do material. Por não se prender ao limite de tempo e também de profundidade oferecido por grandes veículos, sobretudo com produções no formato *hardnews* no dia a dia, o conteúdo do *Podcast* oferece programas ao estilo mesa redonda, com debates mais longos e linguagem menos direta e objetiva, característica que tem sido bem aceita pelos ouvintes.

No Brasil e no mundo, o tipo de podcast mais comum é como um bate-papo: um grupo de amigos ou debatedores conversam em torno de algum tema comum, de política e futebol a games e cultura pop (BARROS, 2018, n.p.).

Além da estratégia de fidelização do ouvinte e da criação mais diversificada de conteúdo, a praticidade para se ouvir o conteúdo em áudio também está diretamente ligada ao crescimento do *Podcast* pelo mundo.

No Brasil, onde o formato tem crescido de forma exponencial nos últimos anos, cada vez mais ouvintes recorrem a essa audição prática em meio à rotina diária, podendo consumir informação sem esforço, o que demonstra um dos porquês de a tendência estar em crescente popularização.

Por parte do público brasileiro, o podcast é descoberto como um alento para quem lida com uma vida urbana em que falta tempo para dar conta de tudo: segundo pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPod) em parceria com a rádio CBN, em 2018 79% dos ouvintes de podcast no Brasil fazem esse consumo durante trajetos de locomoção, e 68% durante a realização de tarefas domésticas (BARROS, 2018, n.p.).

2.3. A CRISE ECONÔMICA ARGENTINA

A Argentina, assim como três de seus vizinhos e aliados comerciais da América Latina, integra o G20 como uma nação em desenvolvimento. Ainda que distante dos números colapsados da Venezuela, a economia do país austral ocupa, atualmente, o segundo lugar no ranking regional de piores taxas anuais de inflação. Esse dado, somado ao histórico de instabilidade no campo macroeconômico, com oscilações nos juros, no câmbio e com políticas comerciais dúbias, mostra que a cultura de crise está intrinsicamente ligada à história do país.

No início da década de 1990, quando o então ministro da Economia, Domingo Cavallo, implementou a conversibilidade da moeda, o que instituiu a paridade de um para um entre o peso argentino e o dólar, foi o princípio de uma onda de crises que viriam a impactar a economia até os dias de hoje. Visando conter a hiperinflação, o desemprego e estimular o crescimento do produto nacional, o plano acabou efetivo no curto e médio prazo, mas levou a uma diminuição da competitividade e elevou a dívida externa.

Pela necessidade de uma grande reserva em dólares, para manter o equilíbrio paritário do câmbio, a Argentina recorreu ao mercado externo de forma demasiada. Em paralelo, com a subestimação dos gastos públicos, o déficit aumentou até o país enfrentar um congelamento das poupanças bancárias.

Em 2001, o “corralito”, como ficou conhecido, fez surgir violentas revoltas sociais que levaram à renúncia do então presidente Fernando de La Rúa. Segundo Neto (2016), a crise teve impactos marcantes na trajetória econômica do país, fato que, atualmente, ajuda a explicar a crise vivida na Era Macri.

Nenhuma outra crise anterior teve implicações tão graves no que tange: ao confisco de depósitos bancários (“corralito”), paralisação dos pagamentos da dívida (moratória), massificação do desemprego, explosão da pobreza e demolição da indústria nacional como foi observado durante a crise de 2001 (NETO, 2016, p.6).

Após entrar em seu período de redemocratização em 1983, com o final da ditadura militar, a Argentina não conseguiu, no entanto, conquistar um equilíbrio econômico e institucional.

Após os anos pós-regime, marcados por períodos neoliberais que oscilaram entre a contenção de crises e o transtorno de recessões, o país passou todo o resto do tempo refém do imenso *default* acumulado no período calamitoso do “corralito”, renegociando os termos da dívida durante todo o período kirchnerista que se iniciou com a vitória de Néstor Kirchner, em 2003.

A vitória de Kirchner deu início ao período de poder da esquerda que duraria 12 anos, somente encerrado com a vitória de Mauricio Macri nas eleições de 2015. Durante a “Era K”, o país viveu altos e baixos. Apoiado em um modelo de poder populista e apegado ao corporativismo estatal, o kirchnerismo teve início em um período de ressaca econômica, quando a Argentina ainda sentia os reflexos da crise de 2001. Ao assumir, Néstor precisou estancar o alto endividamento público do país e desenvolveu um plano de renegociação da dívida que foi adiante em 2005.

O país também precisava reencontrar o caminho do crescimento, e investiu na recuperação do PIB, que vinha de anos consecutivos de queda. O contexto do mercado internacional também foi facilitador; após a entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001, a demanda por commodities aumentou, intensificando o fluxo de matéria prima, o que levou a um aquecimento de mercados emergentes produtores.

A boa relação regional também contribuiu para os anos de expansão econômica. Além de aliados no campo econômico, os países latinos viviam a ascensão de governos reformistas de esquerda, com Hugo Chávez (1999) na Venezuela, Ricardo Lagos (2000) e Michelle Bachelet (2006) no Chile, Lula (2002) no Brasil, Evo Morales (2006) na Bolívia, Rafael Correa (2007) no Equador e Tabaré Vázquez (2005) no Uruguai.

Após anos de prosperidade e multilateralismo, no entanto, a Argentina seguiu a tendência dos países sul-americanos, com o enfraquecimento da esquerda, principalmente por maus resultados na economia e uma série de acusações de envolvimento em escândalos de corrupção. Outrossim, mesmo durante os anos áureos, a Argentina seguiu convivendo com a inflação, o que levava o governo a manter os onerosos programas de subsídio.

Ao assumir, apoiado em um raro momento de fraqueza peronistas nas urnas, Macri atacou o plano de nacionalização kirchnerista e culpou o assistencialismo pelos problemas fiscais e macroeconômicos do país, inclusive durante sua gestão.

Logo que foi empossado, prometeu alterar esses padrões, reduzindo o papel do Estado, aumentando tarifas do cotidiano e contando com uma aceitação do mercado financeiro para atrair investimentos, algo que não se consolidou ao longo do mandato.

Além de não resolver o problema inflacionário, que se agravou progressivamente, o câmbio se desvalorizou de ano em ano. Macri encarou renúncias em sequência de presidentes do Banco Central, fuga de investimento para os títulos dos Estados Unidos e quedas constantes na popularidade governista, impulsionadas por greves nacionais. Resumidamente, o país saiu da estagnação para uma nova crise e o neoliberal personificou o problema, sem conseguir consolidar sua proposta econômica.

3. APRESENTAÇÃO DA PEÇA

3.1. CONCEPÇÃO

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso foi produto de uma soma de fatores e afinidades adquiridos ao longo dos quatro anos de estudo nas áreas de jornalismo, especialmente nas editorias de política e economia internacional. Antes mesmo de iniciar a jornada no curso de comunicação no Mackenzie, estudei, por dois anos, economia no Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), onde mergulhei em um universo técnico e teórico sobre as mais variadas nuances da economia.

Ao final desse período, encantado por esses aspectos econômicos teóricos, tais como história, filosofia e geopolítica, resolvi me lançar a estudos independentes nesses assuntos. O curso, no entanto, por um nível de tecnicismo distante de minhas expectativas, foi substituído pelo de Jornalismo. A partir de então, a intenção sempre foi unir esses dois mundos.

Daquele momento em diante, economia e política não saíram do meu dia a dia. Logo no primeiro semestre do curso, paralelamente à minha primeira função de estágio, passei a produzir textos sobre geopolítica geral e seguia estudando temas afins. Em 2018, quando fui contratado como repórter pela *Abril*, fiz uma série de contatos na área de internacional e passei a ter certeza de que essa seria minha área de foco profissional. Ademais, em minhas redes sociais, alcancei visibilidade suficiente para divulgar meu trabalho em meio a grandes jornalistas e flertei com a possibilidade de publicar alguns materiais na mídia *online*.

Em agosto daquele ano, quando a Argentina vivia grande expectativa pela aprovação do projeto de lei de despenalização do aborto no Congresso, tive a oportunidade de fazer um texto de abertura para o *Intercept Brasil*, veículo especializado em jornalismo investigativo. Pouco depois, assinei minha primeira matéria, em um perfil sobre o então novo presidente da Colômbia, que havia sido eleito há pouco. Minhas redes sociais, por conta de toda a divulgação, cresciam de forma proporcional a meu interesse pelos temas. No entanto, resolvi restringir o nicho a assuntos ligados à América Latina, como conselho do jornalista Sandro Fernandes, ex-correspondente da *GloboNews* em Moscou. Além de conhecimento, o jornalismo me trouxe grandes amigos, mentores e experiências inenarráveis.

Já presente nesse meio, inclusive pela repercussão do boletim semanal de notícias da mídia latina que faço aos sábados, de nome “Girão da América” – em minha conta pessoal no *Twitter*, em formato sequência – comecei a ter interesse pelo universo do áudio e *Podcast*. Em todo meu tempo de estudo e trabalho independente, recorri muito a esse formato para me

manter informado e ver especialistas discutindo temas de forma ampliada, como em verdadeiras rodas de conversa. Nessa época, vivi profissionalmente uma experiência dura, mas bastante edificante: a *Abril*, onde trabalhava como repórter, demitiu mais de 800 funcionários e eu estava na lista de dispensados.

Pude ver de perto a crise sinalizada pelos professores ao longo do curso, vendo-me em uma combinação de sentimentos: ao passo que entendia a necessidade de criar alternativas à crise da profissão, sentia ainda mais a necessidade de lutar por ela. Por sorte e desinibição, consegui outro emprego no mesmo dia, também como repórter, no site *Opera Mundi*, portal especializado em jornalismo internacional, ancorado ao *UOL*. Fui integrado à redação após – literalmente – me colocar à disposição, por meio de um e-mail sincero ao editor do site. Após uma prova de conhecimentos da área, pude trabalhar diariamente como repórter na área de internacional, exercendo de forma rotineira o que fazia nas noites e finais de semana.

Elaborando matérias diárias sobre geopolítica internacional, aprimorei ainda mais meu conhecimento. Com tanta informação acumulada, a possibilidade de converter tudo isso em áudio, em um formato mais palatável, também crescia. Meu primeiro contato com o *Podcast* aconteceu em setembro, quando fui convidado pelos anfitriões do *Viracasacas Podcast* para falar sobre imigração na América Latina. Debates por mais de duas horas. Percebi, então, que falar aos montes também não era um problema – algo que um *podcaster* precisa desenvolver.

Outro *Podcast* que me aproximou do formato foi o *Petit Journal*, coluna do professor de Relações Internacionais, Tanguy Baghdadi, que inclusive contribuiu sendo fonte para este trabalho. O programa traz análises resumidas sobre acontecimentos da política mundial em um formato simples, dinâmico e de fácil edição.

Futuramente, quero aliar o molde ao meu boletim de notícias, tanto para explorar minha curadoria de forma multimidiática, quanto para investir em acessibilidade, podendo disponibilizar o conteúdo para deficientes visuais. Se essa sequência de acontecimentos não fosse suficiente para ferver a ideia de fazer um trabalho em áudio, o sétimo semestre do curso, em que justamente precisei definir o tema do TCC, contou com a disciplina de geopolítica, lecionado pela professora Dra. Marcia Detoni, cuja orientação pleiteei desde o começo. Para completar, a especialização da professora é na área de rádio.

Assim, tudo convergiu para que tema e formato da peça fossem escolhidos. Ao longo do curso, pude criar discernimento necessário para desenvolver uma reportagem consistente. Com os estudos que fiz e faço à parte, pude colher as informações necessárias para um material bastante informativo. Finalmente, sob a proveitosa orientação da professora

Detoni, que tem ampla experiência nos assuntos relativos ao meu Trabalho de Conclusão de Curso, considero-me satisfeito pelo caminho até o encerramento deste ciclo e tentado a continuar aprimorando meus conhecimentos nesse tema e formato.

O tema da peça foi escolhido pela afinidade do autor com temas relacionados à América Latina e a produtos de grande reportagem. A partir da combinação desses elementos, foi possível chegar a uma temática relevante em termos geopolíticos, sobretudo pela proximidade entre Brasil e Argentina. Dessa forma, a peça busca expor a economia argentina – abordada de forma superficial pela mídia nacional – apresentando-se como uma alternativa à procura por um conteúdo mais dinâmico.

A reportagem trata das nuances da economia no momento atual, explorando o panorama pós-dezembro de 2015, quando Mauricio Macri assumiu como presidente. Também, fazendo saltos temporais, com recortes que explicam contextos interferentes na atual crise, passando pelo “corralito”, em 2001, e por decisões dos governos Kirchner que afetaram o período macrista, a fim de evidenciar que a fragilidade tem raízes mais antigas.

A peça também contempla os reflexos sociais que se depreendem do período de instabilidade econômica. Assim como nas crises anteriores ao governo Macri, a que se desenvolveu nos últimos anos com o neoliberal também provocou estouros sociais, como o repúdio ao *tarifazo*, ao empréstimo dado pelo FMI, além de greves sindicais.

Para a reportagem, sons de personagens foram colhidos, mostrando o impacto desses fenômenos econômicos no cotidiano, e expondo o cenário de expectativa que cerca as eleições presidenciais do fim do ano, das quais Mauricio Macri participará.

A escolha do formato em áudio para distribuição na Internet se deu, não só pela preferência por se trabalhar com um tipo menos explorado de mídia online, mas, também, por se mostrar um caminho para a produção de um conteúdo acessível e envolvente. Como é uma tendência relativamente nova dentro do jornalismo, o *Podcast* está inserido em um contexto dinâmico de mídias sociais. A familiaridade do autor com essas mídias, juntamente a suas produções independentes, também contribuíram para a escolha do formato em áudio, que se mostrou ideal no momento da concepção.

3.2. EXECUÇÃO

A produção da reportagem teve por base uma pesquisa bibliográfica sobre o formato de peça escolhido, além de consultas a relatórios oficiais, reportagens jornalísticas, análises de fontes entrevistadas e sons de personagens.

Para tanto, foi necessária uma pesquisa também sobre economia, feita por meio da leitura de textos técnicos que explicavam como as políticas neoliberais impostas pela nova equipe de governo impactaram de forma negativa. Independentemente dos números, há um debate ideológico em relação à eficácia do liberalismo em contraponto ao legado de políticas estatizantes. Dessa forma, foram feitas consultas a análises com os dois pontos de vista sobre a economia do país.

A reportagem “A economia argentina na Era Macri”, com um tempo total de 20 minutos, abordou a crise de ano em ano, com um trecho adicional que traz um coeficiente de incerteza eleitoral, com números dos primeiros meses de 2019 e previsões para o desfecho do governo macrista meses antes das eleições de outubro.

A peça começa com a vitória de Mauricio Macri e sua posse em dezembro de 2015, com uma breve contextualização do cenário encontrado por ele ao assumir como chefe de Estado do país. Nesse trecho é demonstrado o que foi o período de transição entre o mandato da ex-presidente Cristina Kirchner e o final da “Era K”, já que Macri interrompeu 12 anos do período kirchnerista (considera-se o governo do também ex-presidente Néstor Kirchner). Para tanto, a parte inicial traz números do período de ressaca econômica deixada pela gestão de esquerda e suas medidas de grande participação estatal. Explorou-se como a expectativa de mudança se tornou uma aposta da sociedade no governo neoliberal que substituiria o Partido Justicialista (peronista) pelo conservadorismo centro-direitista.

Mesmo com alguns dias no poder, o governo articulou a quitação da moratória referente à dívida pública, negociando o pagamento com os chamados “fundos abutres”. Essa medida, que foi meta dos últimos governos, é analisada como uma das raras ações positivas do macrismo. Como esse momento marca a entressafra de dois governos diferentes na ideologia e nas medidas, a abertura da reportagem também evidencia como a opinião pública se comportou diante dessa mudança abrupta.

Adiante, é feita a explanação da trajetória do governo Macri em seu primeiro ano completo (2016), em especial passando pelas promessas de abertura econômica postas em prática, como o fim do controle cambial e das travas na exportação, e em como elas foram recebidas pela população nos primeiros meses de governo. Como o governo neoliberal assumiu o comando no final de 2015, o ano subsequente contou com mais tempo de análise.

Após essa explicação, é dado lugar ao momento que marcou o início da turbulência, com o princípio da queda da popularidade do mandatário, chamado de *tarifazo*. Nessa ocasião, ao longo de 2016, itens do

cotidiano como gás, luz e transporte público sofreram aumentos a mando do governo. O reflexo dessa medida, no entanto, fez surgirem uma série de manifestações

Com o objetivo de diversificar a reportagem, desviando-se de um olhar obtuso quanto às opiniões coletadas, a produção mescla sonoras de especialistas no assunto – em especial jornalistas e acadêmicos – ao relato de cidadãos argentinos, que dão uma visão cotidiana da crise, bem como uma carga opinativa em relação ao governo de Macri.

Os jornalistas entrevistados são especialistas em cobertura de política internacional, sobretudo no assunto de economia argentina. Um deles é o jornalista Ariel Palácios, correspondente internacional do jornal *GloboNews* e também colunista da *Revista Época* para a área de América Latina e Caribe. O profissional mora há 14 anos em Buenos Aires e tem a política local como uma de suas especialidades, sobretudo na cobertura do dia a dia. A jornalista Sylvia Colombo também é uma das fontes escolhidas para este trabalho. Colombo é correspondente internacional do jornal *Folha de S. Paulo* e também reside em Buenos Aires, tendo a economia argentina aparecendo recorrentemente em suas pautas nas versões impressa e online do veículo.

Para opiniões técnicas foram ouvidos acadêmicos da área de economia e relações internacionais, tanto do Brasil quanto da Argentina. Um deles é o economista da consultoria 4E e professor argentino Juan Jensen, que ministra aulas de economia no Insper (SP). A intenção foi buscar diferentes tipos de entidades de ensino e, assim, especialistas com visões distintas sobre os aspectos que influenciam o debate político-econômico que incide sobre o tema. Essa pluralidade se relaciona diretamente com a produção de uma reportagem; ao longo de toda a peça, esse elemento foi levado em conta, buscando diferentes visões.

Como houve uma transição entre dois governos, antagônicos no aspecto ideológico, esta produção jornalística traz à tona o debate sobre esse momento de guinada na América Latina, com Tanguy Baghdadi, professor de Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro e autor do *Petit Journal*, programa diário de *Podcast* voltado a assuntos de geopolítica internacional. O especialista também incorpora a lista de entrevistados, tratando especialmente do período transitório que marcou a geopolítica do continente, que sucessivamente viu o liberalismo entrar em cena.

No aspecto técnico, para fazer um contraponto à visão política e explicar características que existem apesar dos dois governos, entra o ex-secretário de Comércio Exterior do governo Carlos Menem (1989-1999), Raúl Ochoa. Ele atuou na década que precedeu o kirchnerismo, nos anos 1990, período marcado por crises econômicas e pelo embrião do “corralito”, que estouraria em 2001 e cujos números são comparados à

crise vivida por Macri neste trabalho. O economista e especialista em microeconomia, Marcelo Junqueira, também foi uma das fontes ouvidas para este trabalho, com explicações voltadas aos porquês da instabilidade histórica do país.

3.3. FINALIZAÇÃO

A montagem da peça foi feita por meio da junção do áudio narrado, das sonoras obtidas nas entrevistas e dos sons da posse do presidente Mauricio Macri, de manifestações contra seu governo, áudio de políticos e recortes de cidadãos questionados nas ruas. Ao fundo, durante a narração da reportagem, foram utilizadas trilhas de tango, como referência ao tradicional gênero musical argentino, a fim de tornar a audição da reportagem mais palatável e descontraída, sobretudo por se tratar de um tema técnico e amplo.

Os sons de manifestação e dos *cacerolazos*, bastante característicos durante o governo Macri, servem para transportar o ouvinte àqueles momentos, cujo entendimento é essencial para que se compreenda o momento em que a expectativa depositada no novo governo se transforma em insatisfação.

Também foram usados sons de arquivo, com trechos de reportagens de noticiários argentinos e brasileiros que retrataram os períodos narrados na reportagem. Esses foram intercalados às falas das próprias autoridades econômicas do governo, como ministros e porta-vozes, para mostrar um paralelo entre as alegações oficiais e a resposta da sociedade.

Em um dos trechos também foi utilizado um efeito sonoro de ‘disco riscado’, logo após Macri discursar de forma positiva e com um tom característico de ‘autoajuda’, que tanto levantou críticas durante seu mandato por não condizer com o colapso econômico crescente visto pela opinião pública. Após esse efeito, foram inseridas sonoras de cidadãos argentinos indignados com a situação, de forma a criar um paralelo entre ações do governo e resposta da opinião pública, já que ao longo dos anos a equipe de Macri se valeu de eufemismos.

Em toda a reportagem, a dinâmica do material de áudio foi estabelecida como um objetivo primordial, o que, inclusive, levou a uma série de reduções do roteiro original, com ajustes e enxugamentos textuais que culminaram em frases diretas e no conteúdo final mais sucinto, claro e atraente para o ouvinte.

Ao final, por se tratar de uma reportagem de rádio, o material foi disponibilizado na internet em uma conta do *YouTube* de propriedade deste autor, podendo ser consumido *offline*, bem como ancorado a websites e compartilhado em diversas mídias sociais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proximidade com *Podcast* foi determinante para que o Trabalho de Conclusão de Curso fosse feito em áudio, o que tornou possível observar as características desse novo formato e, ao mesmo tempo, colocar em prática o que aprendi nas disciplinas de rádio e geopolítica.

Ao longo de toda a pesquisa, observei, no entanto, que o trabalho seria limitado a uma só reportagem, e não a um produto novo a ser disponibilizado por meio de assinatura. Esse foi o primeiro dos desafios que encontrei para produzi-lo. Os programas de *Podcast* em formato “mesa de bar”, em que participantes debatem sobre determinado tema, que foram minhas principais fontes de inspiração para a escolha deste formato, são diferentes de uma reportagem em áudio. Essa, por sua vez, exige uma pesquisa densa, que leva em conta aspectos teóricos, quantitativos e históricos, além de elementos técnicos de rádio. Dessa forma, aprendi ainda mais sobre economia, história argentina e cultura local, além de elementos do jornalismo em áudio, ao selecionar sons ambientes, sonoras e montar a narração.

A montagem do roteiro, por sua vez, foi outro desafio que encontrei. Por ter sido sempre repórter de texto, elaborei a narração com certa facilidade, mas me deparei com a necessidade de adaptar o roteiro, deixando-o enxuto e objetivo, por se tratar de uma linguagem de rádio. Adaptei o roteiro várias vezes ao longo da produção da peça, sendo necessário unir a concisão do áudio à grande quantidade de material da pesquisa.

Por se tratar de um tema de economia, também precisei superar o desafio de simplificar um tema rebuscado e pouco acessível e dar a ele a roupagem do audiojornalismo, que é dinâmico e deve comunicar de forma simples e clara. Em uma reportagem em áudio, o dinamismo é uma das características cruciais para se conquistar o ouvinte. Para montar uma reportagem atraente e que transmitisse toda a problemática econômica argentina cheia de detalhes que observei em toda minha pesquisa, foi necessário fazer uma edição com uma série de músicas típicas da argentina, como tangos clássicos e eletrônicos, sons de manifestações e músicas que marcaram a campanha de Macri.

No entanto, algumas de minhas dificuldades também ocorreram em função do tempo insuficiente que o curso oferece para o estudo de matérias relacionada a radiojornalismo e reportagens em áudio. A grade de materiais a que fui submetido teve apenas um semestre com essa disciplina, limitando o tempo de ensino e, ainda, mesclando aulas teóricas e práticas em apenas alguns meses. De todo modo, a pesquisa e a realização deste trabalho de reportagem aumentaram minha percepção sobre minhas habilidades, dificuldades e, principalmente, sobre o próprio jornalismo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Luiza. **A era de ouro dos podcasts: entenda o boom dos programas de áudio on-line.** O Globo, Rio de Janeiro, 21 de abril de 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/a-era-de-ouro-dos-podcasts-entenda-boom-dos-programas-de-audio-on-line-23612273>>. Acesso em: 01 de maio de 2019.

BUFARAH, Alvaro. **Rádio na Internet: desafios e possibilidades.** Trabalho apresentado ao NP 06 – Rádio e Mídia Sonora, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa do Intercom. P. 6 e 9. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/147804830187090849186370036349146116483.pdf>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2019.

DETONI, Márcia. **O Documentário no Rádio: Desenvolvimento histórico e tendências atuais.** p.15. Disponível em: [file:///C:/Users/win7/Downloads/PESQUISA-POSTDOC-DOCUMENT%C3%81RIO-NO-R%C3%81DIO%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/win7/Downloads/PESQUISA-POSTDOC-DOCUMENT%C3%81RIO-NO-R%C3%81DIO%20(4).pdf)

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio: uma guia abrangente de produção radiofônica.** 4.ed. Editora Summus, 2001. p.77.

NETO, Iderley Colombini. **Auge e declínio do “neodesarrollismo” argentino.** p.6. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ecos/v25n2/0104-0618-ecos-25-02-00401.pdf>>

SILVA, A. Tenório Pontes Da. **A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico.** Artigo para o Grupo de Pesquisa sobre o Cotidiano e o Jornalismo, vinculado ao PPGC/UFPB, 2010. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2010v7n2p403/14470>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2018.